

# Agroecologia e a Crise da Sociedade Atual

*Mário Artêmio Urchei*

A sociedade humana atual vive uma ampla e grave crise. É uma crise de várias e profundas dimensões, ou seja, econômico-financeira, energética, ambiental, sociocultural, política, tecnológica, alimentar, de solidariedade e ética. É uma crise de paradigma e de incertezas com respeito ao nosso futuro no planeta terra. É uma crise de escala e de urgência sem precedentes em toda a história da humanidade (CAPRA, 2006).

Bombardeada pelos meios de comunicação dominados pelo poder econômico, a sociedade tem passado de uma situação onde se encontrava menos informada, mas era mais solidária a outra em que as pessoas são apenas informadas, esquecendo-se de se indignar e de lutar contra a desigualdade e a exclusão, perdendo-se o sentido de comunitário e coletivo.

O consumo compulsivo, a necessidade de se ter e se buscar sempre a maior quantidade de bens e poder; a falta de pensamento autônomo e crítico; e a diminuição da solidariedade entre os seres humanos são mostras inequívocas da crise da sociedade contemporânea.

A crise atual se refere aos fundamentos e ao projeto de sociedade, colocando em evidência a incapacidade das elites e dos grupos sociais a ela associados em propor uma visão de mundo e um modelo de desenvolvimento, viáveis para toda a sociedade.

O progresso desordenado, expressão da crise de nossa civilização, nos tem levado a uma dupla prisão: epistemológica e paradigmática. Sociedades inteiras buscam o crescimento econômico sem refletir sobre suas consequências, ou seja, sobre os custos sociais e ambientais de tal crescimento. Por conseguinte, há uma clara contradição entre o processo epistemológico de obter conhecimento e os aspectos morais do seu uso. Constata-se que o poder do conhecimento, apesar de ser produto histórico e coletivo de toda a sociedade, não é socializado com equidade, provocando injustiças ainda maiores ao

distribuir entre todos os efeitos negativos da apropriação seletiva dos conhecimentos científicos (GOMES, 1999).

A atual crise agroalimentar é a outra expressão da crise internacional da globalização do sistema capitalista neoliberal e especulativo. Apesar da crescente industrialização da produção agrícola convencional e do trabalho cada vez mais intenso de inovações e de tecnologias, que implica em um aumento da produtividade, mas também em maior consumo de energia, a fome e a insegurança alimentar e nutricional no mundo tem crescido sistemática e constantemente na mesma velocidade e proporção da subida dos preços dos produtos agrícolas em escala internacional.

Com a consolidação do neoliberalismo na economia mundial, verifica-se um avanço extraordinário do capital financeiro e das empresas transnacionais em todos os aspectos da agricultura e do sistema agroalimentar dos países e do mundo. Desde a privatização das sementes, a produção e venda de agrotóxicos, a intensificação da colheita mecanizada, o armazenamento e processamento dos alimentos, seu transporte, distribuição e venda ao consumidor, todos os elos da cadeia encontram-se sob controle de um número reduzido de empresas transnacionais.

Por outro lado, esse processo nunca visto ao longo da história humana de privatização dos alimentos e dos recursos naturais, bem como das terras e mananciais hídricos, leva, inexoravelmente, à expulsão cada vez maior dos camponeses, dos agricultores familiares, dos pescadores e das comunidades indígenas de suas terras rompendo o enlace histórico, que degrada cultural e socialmente estas comunidades, a biodiversidade e a natureza. Esse processo explica a outra causa fundamental da fome e da miséria de amplos setores de camponeses e da sociedade como um todo.

A chamada revolução verde - modelo de agricultura baseado na produção em monocultivos de larga escala para a exportação, em especial de *commodities* no uso intensivo de insumos químicos industriais derivados do petróleo, como adubos e pesticidas, na utilização de máquinas e implementos agrícolas de grande porte e nas sementes melhoradas de alta produtividade – não conseguiu

resolver os problemas ambientais e sociais de acesso aos alimentos e de combate à fome e à insegurança alimentar e nutricional. Pelo contrário, a agricultura convencional de larga escala tem aumentado a concentração de renda, de terra e dos meios de produção, com consequências significativas na ampliação da pobreza, da fome e da exclusão social. Há um número cada vez maior de exemplos dos impactos econômicos, sociais e ambientais negativos desse modelo, como: substituição das florestas por monocultivos e pecuária; aumento da erosão dos solos, assoreamento e contaminação dos mananciais hídricos e dos alimentos por agrotóxicos; e empobrecimento dos camponeses, dos povos indígenas e dos agricultores familiares.

Na perspectiva da Agroecologia, a mudança da agricultura rumo à sustentabilidade está intimamente relacionada aos processos de transformação da sociedade como um todo, premissa que não condiz com a simples substituição de insumos industriais por insumos mais ecológicos, modelo característico das chamadas agriculturas empresariais do recém-criado agronegócio orgânico. O processo de construção de uma agricultura efetivamente sustentável deve passar, necessariamente, pelo fortalecimento da agricultura de base familiar, por profundas modificações na estrutura fundiária do País, por políticas públicas consistentes e coerentes com a emancipação de milhões de brasileiros da miséria e pela revisão dos pressupostos epistemológicos e metodológicos que guiam ações de pesquisa e desenvolvimento (MOREIRA e CARMO, 2004).

A Agroecologia apresenta um conjunto de pressupostos fundamentais ao desenvolvimento rural sustentável e à própria organização da sociedade como um todo. Acima de tudo, é necessário um enfoque amplo e integral da agricultura e do desenvolvimento rural, onde a interação entre os seres humanos e a terra, ou a sociedade e a natureza, não seja tratada, apenas como uma questão econômica, cuja eficiência deriva da manipulação físico-química e do aporte de capital, senão como um processo complexo que pressupõe a compreensão do funcionamento dos ecossistemas e a preocupação com a justiça na repartição dos seus produtos.

Nesse sentido, a Agroecologia concretiza um esforço de construção de

um paradigma de agricultura e de sociedade em que não ocorram custos socioculturais, ambientais e econômicos ocultos. Dessa forma, a Agroecologia se constitui numa realidade concreta de construção de novos conhecimentos que partem da interação entre a biodiversidade ecológica e sociocultural local, dos saberes dos agricultores e dos técnicos envolvidos no processo de desenvolvimento, e desses com outros atores sociais do campo e da cidade. Compreendida assim, a Agroecologia supera o conceito de extensão na medida em que a ação dos técnicos se dá pelo diálogo, respeito à cultura e à visão de mundo dos agricultores (FREIRE, 1980).

O debate agroecológico no Brasil ganhou força nas últimas três décadas (LUZZI, 2007), colocando-se em contraposição ao paradigma vigente e trazendo à pauta a necessidade premente de discussões sobre os métodos alternativos de produção agrícola e de novas diretrizes na pesquisa científica e extensão para a validação destas práticas (ALTIERI, 1995). Os movimentos envolvidos com a Agroecologia, em todos os setores, vêm buscando construir um novo paradigma que se fundamenta, por sua vez, em novas bases epistemológicas, as quais contemplam "a complexidade, a dúvida, a incerteza, e pretendem ser inter ou transdisciplinar; sua pauta é temática e não disciplinar, além de reconhecer os saberes tradicionais e cotidianos também como válidos" (GOMES e BORBA, 2004). São inúmeros os desafios epistemológicos, tecnológicos, institucionais e teórico-metodológicos, entre outros, que se colocam para a construção dessas alternativas. Esses desafios não serão vencidos no isolamento individual ou de grupos, mas na interação dialógica entre diversos setores da sociedade. A atuação de redes sociais tem ocupado um papel bastante relevante nesse sentido, por propiciar ambiente favorável para a construção do diálogo e busca de alternativas comuns.